

Onde estão os nossos comandantes da Luta Armada?

por *Salamão Moyana (AIM)*

Amanheceu calmo naquela sexta-feira, 12 de Outubro. As quatro horas, quando os galos cantantes, empoleirados na ramagem pálda dos imbondelros do Deus Boroma (pai de Magoé), anunciavam ao mundo o romper da manhã e — com ela — o advento de mais um dia áspere e seco para agravar a sorte dos camponeses de Magoé — enquanto isso — o nosso «Land-Cruiser» já galgava os altos e baixos da «picadíssima» picada que, sozinha, monopoliza a comunicação entre a sede do distrito e a histórica Localidade de Mocumbura, coladinha à fronteira com o Zimbabwe.

Tínhamos 60 quilómetros por devorar antes de espreitarmos Mocumbura. Quando já tínhamos feito 35 quilómetros da marcha, reparámos, com desgosto, que um dos pneus traseiros da nossa viatura havia permitido que uma pedra lascada se lhe enfiava se pela câmara-de-ar, adentro, interrompendo deste modo a jornada que, paulatinamente, ia sendo agradável. Desastre! — exclamou alguém.

Meia hora depois, o problema de pneu furado estava sanado e a viagem prosseguiu com mais força do que nunca. Chegámos a Mocumbura quando o sol de Tete começava a incomodar as nossas cabeças. Fomos recebidos pelo Administrador da Localidade, David Manhacha, a quem o Administrador Distrital, Joaquim Manuel convidou a seguir connosco rumo às antigas Zonas Libertadas no sul desta Localidade.

David Manhacha, por seu turno, convidou o Chefe do Estado-Maior das FPLM na Localidade, Bernardo Mandlate. Estes dirigentes são jovens, entusiastas e cheios de conhecimentos sobre a sua área de acção. Eles possuem números de tudo, sabem quantas cabeças de bovinos tem a sua localidade, quantas charruas, quantas juntas de bois e quantas é que faltam para se conseguir o bem-estar dos camponeses da zona. Enfim, são dirigentes com pujança para dirigir o que lhes foi incumbido.

Da sede de Mocumbura rumámos em direcção à Zona Libertada de Tsatsa. Rodávamos no sentido norte-sul e sabíamos que daí era preciso ultrapassar 58 quilómetros para chegarmos ao nosso objectivo. Também sabíamos que antes de chegarmos a Tsatsa parariamos nas Zonas Libertadas de Calue, Dewetéwe e Nhabia.

Em Dewetéwe, informámo-nos de que aquela circulo é tradicionalmente grande produtor de milho e mapira mas no presente está gravemente afectado pela fome e o seu povo emigra para o Zimbabwe a fim de aí, conseguir o seu sustento. Devido a esta emigração hoje em Dewetéwe, apenas residem 70 famílias, perfazendo 280 pessoas. Estas famílias continuam a dedicar-se ao cultivo da terra mas deparam-se com a falta de sementes, falta de enxadas e falta de uma assistência técnica científica por parte das entidades que respondem pela aplicação da ciência na agricultura.

Em Dewetéwe (e depois em Nhabia e Tsatsa), contaram-nos que não têm juntas de bois, porque o gado que as populações locais possuem foi dizimado, primeiro pela Guerra de Libertação Nacional e, segundo, pela guerra de agressão movida pela Rodésia contra Moçambique. Então, é preciso gado para as Antigas Zonas Libertadas.

Escalámos também, Nhabia e pedimos ao camponês Randzilati Chicanese que nos indicasse o caminho, a picada que vai dar a Tsatsa. Mas isso é difícil porque de Nhabia para Tsatsa não há picada, só há pequenas stilhas pelos quais circulam os camponeses locais. E, devo dizer aqui que fizemos corte-mato até Tsatsa.

Em Nhabia, deixámos as nossas panelas, produtos e o pessoal de cozinha a ver se lá para as 15 horas, ao regressar de Tsatsa, teríamos a nossa primeira refeição daquele dia. Quando aparecemos em Tsatsa a maioria dos habitantes daquela zona,

estavam concentrados em casa do primeiro assistente do Comité do Circulo a beber «Pombes», uma nutritiva mas embriagante bebida à catreal, feita da mistura de mapira com farelo de milho. Ninguém se atrapalhou com a nossa presença (nem com a do Administrador). Todos continuaram a beber nas calmas, depois convidamos

perguntar ao Secretário-Geral da ONP se é verdade que o Dia do Professor é feriado nacional. Mas, por simples curiosidade, perguntámos aos habitantes de Tsatsa se entre eles havia algum professor. Ninguém era professor! De resto, em Tsatsa não há nenhuma Escola. A escola mais próxima e aquela em que deixámos as



«Todos continuaram a beber «pombes» nas calmas, depois convidaram-nos a erguer, também, aquelas cabeças para as nossas bocas». (Foto de Sérgio Santimano, da AIM)

ram-nos a erguer, também, aquelas cabeças para as nossas bocas. Restatelámo-nos em grande!

Perguntámos-lhe depois se aquilo era alguma festa ou simplesmente babiam por hábito. A resposta foi vibrante:

— Estamos a comemorar o Dia do Professor. Vocês não sabem que hoje é feriado nacional?

Dizemos que sabíamos, que era Dia do Professor, mas que ignorávamos que fosse feriado nacional. Então eles acrescentaram:

— Isso significa que vocês estão ultrapassados. Nós ouvimos há muito tempo que o Dia do Professor é feriado em Moçambique.

Como eles eram a maioria nós ficámos vanidosos e prometemos vir

aquele dirigente durante a Luta Armada de Libertação.

O 1.º Assistente do Comité do Circulo de Tsatsa disse-nos, ironicamente, que «a independência roubou os nossos dirigentes para Maputo, fez mal a independência, por isso cá, como já não temos os nossos dirigentes, temos falta de tudo, incluindo enxadas».

Este sentimento foi manifestado por vários outros camponeses residentes naquelas Zonas Libertadas. Esses camponeses são antigos combatentes pela libertação do País e hoje, 10 anos após essa luta, os antigos combatentes daquelas zonas sentem saudades dos seus colegas com quem fizeram a independência.

Em termos de investimentos, devo dizer, em compromisso com a verdade, que nada foi investido após a independência em todas as Zonas Libertadas da Localidade de Mocumbura. Lá há terreno riquíssimo, virgem em muitos casos, mas o povo não tem sementes, juntas de bois para já não falar de tractor porque em todo o Distrito de Magoé só existe um. Também este «um» não é utilizado para a agricultura porque não tem alfaias agrícolas (charruas), por isso é somente utilizado para carregar água para a sede do Distrito. Portanto, estou autorizado a escrever que em todo Magoé não há nenhum tractor, o que é gravemente prejudicial para as quatro mil famílias ali existentes.

Além do que está dito, uma pessoa doente em Tsatsa, só pode ter tratamento na sede da localidade de Mocumbura, isto é, depois de percorrer 58 quilómetros na selva cerrada. Não há lojas em todo aquele espaço geográfico, nem Cooperativa de Consumo. O povo aqui faz cestos, panelas, esteiras e vai vendê-los no Zimbabwe por dólares zimbabwianos ou trocam-nos com os produtos de primeira necessidade do Zimbabwe, fundamentalmente o sal (enquanto o Zimbabwe não tem salinas).

Pedimos ao 1.º Assistente do Comité do Circulo de Tsatsa que nos vendesse algumas das panelas que vimos em sua casa. Ele recusou-se a vender-nos tais objectos em metical. Informou-nos que apenas vendia em dólares ou trocava com peixe seco, pois, «com metical, eu além de não ter loja não tenho produtos para comprar», disse-nos aquele responsável.

Em Dewetéwe, vimos uma extensa baixa, uma vale favorável à agricultura desta época de seca prolongada. Assistimos aos esforços da população local no aproveitamento desta baixa, contudo, o rendimento é escasso devido às razões atrás apontadas. A propósito desta vale, o Administrador de Mocumbura disse-nos que há uma Organização Internacional que se movimenta interessada num projecto visando aproveitar esta potencialidade com vista a aumentar a produção de cereais na zona. Mas o que sabemos e estranhámos imenso, é a ausência absoluta de qualquer plano concreto da Direcção Provincial de Agricultura sobre tão rica zona.

Para terminar esta parte do comentário, gostaria de informar que nas Antigas Zonas Libertadas de Mocumbura, o povo continua a existir, apesar das dificuldades atrás apontadas. E eu apontei-as para que todos nós as resolvamos pois, de contrário, pode ser hipocrisia afirmarmos em Maputo que inspirámo-nos nas Zonas Libertadas, enquanto as Zonas Libertadas olham para Maputo à espera de algum investimento que melhore a Vida do Povo e, mais do que isso, do Povo que libertou o Povo.